

Contribuições de um “guarda-parques” para os estudos do comportamento animal no século XVIII

Contributions of a “park ranger” to the studies of animal behavior in the 18th century

Carolina Alves d’Almeida

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

carolinadalm85@gmail.com

orcid.org/0000-0001-5859-6933

Regina Maria Macedo Costa Dantas

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

regina@hcte.ufrj.br

orcid.org/0000-0001-9782-2008

Resumo. Pretendemos discutir as contribuições do naturalista francês Charles Georges Leroy (1723-1789) para o estudo do comportamento animal. Leroy foi um guarda-parques que, no auge do Iluminismo francês, produziu conhecimentos sobre comportamento dos animais nos parques naturais. O cargo que exercia lhe proporcionava muitas oportunidades de observar e acompanhar os animais. Leroy apresentava críticas aos estudos do comportamental animal realizados por filósofos ou naturalistas de gabinetes, que não possuíam experiências de campo, fundamentais para se conhecer os mundos animais. Indo mais além, Leroy, diferente da maioria dos intelectuais da época, era contrário às ideias mecanicistas cartesianas e antropocêntricas, reconhecendo, nos animais, capacidades como inteligência e sensibilidade.

Palavras-chave: Etologia. História das ciências. Guarda-parques. Experiências intersubjetivas.

Abstract. We intend to discuss the contributions of the French naturalist Charles Georges Leroy (1723-1789) to the study of animal behavior. Leroy was a park ranger who, at the height of the French Enlightenment, produced knowledge about the behavior of animals in nature parks. His position gave him many opportunities to observe and accompany animals. Leroy criticized the studies of animal behavior carried out by philosophers or naturalists in offices, who had no

field experience, which was essential to discover the animal worlds. Going further, Leroy, unlike most intellectuals of the time, was opposed to Cartesian and anthropocentric mechanistic ideas, recognizing, in animals, abilities such as intelligence and sensitivity.

Keywords: *Ethology. History of sciences. Park ranger. Intersubjective experiences.*

Recebido: 01/10/2017. Aceito: 27/10/2017. Publicado: 06/11/2017

1. Introdução

Do ponto de vista darwiniano, a etologia consiste no campo de estudos e experiências científicas sobre a dimensão evolutiva e filogenética do comportamento animal¹. Seus principais fundadores e responsáveis por sua consolidação como disciplina científica no século XX foram Konrad Lorenz (1903, 1989), Nikolaas Tinbergen (1907-1988) e Karl Von Fritz (1886-1982), especialmente o primeiro, quem definiu a etologia como a ciência do comportamento animal que ocorre em contextos ecológicos realistas (LORENZ, [1981]1995). Lorenz e Tinbergen, influenciados por Oskar Heinroth, entendiam a etologia como o estudo comparado do comportamento animal (SARAIVA, 2003). A partir dessas ideias, a etologia evolucionista foi constituída como disciplina científica, um ramo da biologia que reúne um conjunto de metodologias científicas para o estudo do comportamento animal comparado (ZUANON, 2007). Segundo Soczka (2003), etologia nasceu, portanto, baseada num método (a observação naturalista) e numa teoria (a teoria sintética da evolução). Entretanto, uma multiplicidade de perspectivas e localidades, desde as mais vitalistas até as mais evolucionistas, se confrontavam ou atravessavam afim de definir os rumos e conceitos da disciplina. Nesse contexto, é importante destacar as contribuições de um dos maiores precursores ou inspiradores das ciências do comportamento animal: Charles Georges Leroy (1723-1789).

2. A etologia do ponto de vista de um guarda-parques

Para o etólogo britânico William Thorpe (1982), a etologia, como ciência do comportamento animal, surgiu antes do século XIX, antes de seu oficial “precursor”, o naturalista Charles Darwin (1809- 1882) com sua Teoria da Evolução, bem como antes de seus possíveis “inspiradores”, os naturalistas transformistas, catastrofistas ou criacionistas: Georges Cuvier (1769-1832), Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), Etienne Geoffroy-Saint Hilaire (1772-1844) e Isidore Geoffroy-Saint Hilaire (1805-

¹ É importante ressaltar que o naturalista Charles Darwin, no final do século XIX, antes da etologia iniciar seu percurso como disciplina científica, já esboçara claramente seu projeto, através das conhecidas obras: “A Origem das Espécies” (particularmente no capítulo VIII, cujo o título é “Instinto”), e “A Expressão das emoções no Homem e nos Animais”. Darwin, portanto, é considerado, pela maioria dos etólogos, como o pai da etologia, visto que sua definição é a que mais se aproxima da definição atual da disciplina.

1861), Jean-Henri Fabre (1823-1915), entre outros. Segundo Thorpe, ela surgiu no século XVIII com o naturalista francês Charles Georges Leroy, que, diferentemente dos outros inspiradores e precursores da disciplina, não era naturalista nem cientista. Leroy era um guarda-parques da nobreza, que exercia o posto de tenente das caças reais nos Parques de Versalles e de Marly, antes ocupado por seu pai.

Leroy, segundo Thorpe (1982), possuía grande inteligência e excelente educação, e como parte de seu trabalho como guarda-parques, ele estudou minuciosamente o comportamento animal. Para Leroy, o cargo que exercia lhe proporcionava muitas oportunidades de observar os animais, mais do que se fosse um filósofo natural ou intelectual (THORPE, 1982). Uma de suas principais obras é *A Inteligência e Afetabilidade dos Animais desde um Ponto-de-vista Filosófico, com umas poucas palavras sobre o Homem*, publicada em 1764, na França, mas pouco conhecida entre os etólogos atuais.

Leroy conheceu Denis Diderot (1713-1784), Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783) e Claude-Adrien Helvetius (1715-1771), e foi convidado pelo primeiro para escrever vários dos artigos da *Encyclopédia* sobre o comportamento dos animais nos parques, como também um artigo sobre a moralidade do homem (MARTÍNEZ-CONTRERAS; MONTIEL-CASTRO, 2013). Dentre esses, se destaca o artigo “instinto”, que refletia as crenças filosóficas e metafísicas expressas em seu livro *Lettres sur les animaux* (Cartas sobre os animais), de 1778 (MARTÍNEZ-CONTRERAS; MONTIEL-CASTRO, 2013). O guarda-parques também conheceu os principais filósofos e representantes do Iluminismo, e não passou por eles despercebido, tendo em vista sua independência de pensamento manifestada através de suas ideias anti-mecanicistas (THORPE, 1982).

Leroy era, portanto, uma figura controversa entre os naturalistas europeus. Era um profundo conhecedor dos livros de Buffon (1707-1788)², com o qual pouco se identificava. O fato de Leroy ter atuado de “fora” da redoma de vidro dos gabinetes e bibliotecas que constituíam o mundo científico europeu da época, porém dentro do contexto real e vivo do mundo relacional dos diferentes modos de vida que são enviados para os gabinetes para serem estudados pelos naturalistas, influenciou na sua independência de pensamento e liberdade de pensar os animais segundo suas experiências de campo e relações emaranhadas.

O ponto de vista de Leroy na posição de guarda-parques, ou seja, dentro do campo, mas fora dos gabinetes, lhe permitiu vivenciar experiências com os animais, inclusive de maior tempo e contato, que não eram possíveis na posição dos naturalistas de gabinete, que passavam maior parte do tempo nos gabinetes e bibliotecas, estudando coleções e com pouco contato com os “ambientes naturais”. Posteriormente o trabalho ou a pesquisa

² Georges-Louis Leclerc ou conde de Buffon (1707-1788) foi um renomado naturalista francês que influenciou grandes naturalistas como Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin. Suas concepções filosóficas e estudos das espécies contribuíram significativamente para o desenvolvimento da biologia. Buffon, segundo Darwin, foi um dos pioneiros no estudo científico da origem das espécies, sugerindo que os animais precedem de outros animais.

de campo ocuparia um lugar de destaque de metodologia das ciências da natureza, imprescindível para qualquer etólogo.

É controverso o modo como seu livro *Lettres sur les animaux* foi escrito, em formato de cartas dirigidas a uma tal Madame d'Angiviller, de quem era amigo íntimo. O prólogo do livro era uma carta-dedicatória a Madame, na qual Leroy fingia não ser ele mesmo, adotando o pseudônimo de “Naturalista de Nuremberg”³ (ou “Médico de Nuremberg”). O uso do pseudônimo pode estar associado ao fato de Leroy ter ocupado um posto menos prestigiado que o dos outros intelectuais, e, por isso, considerado inferior pela sociedade europeia intelectual da época (MARTÍNEZ-CONTRERAS; MONTIEL-CASTRO, 2013).

Os ricos e profundos conhecimentos de Leroy sobre o comportamento dos animais nos parques naturais, adquiridos através de seu trabalho como guarda-parques, possibilitaram seu ingresso nos círculos de intelectuais a partir da metade do século XVIII (MARTÍNEZ-CONTRERAS; MONTIEL-CASTRO, 2013). Muitos dos renomados intelectuais e naturalistas da época, como Buffon, não possuíam esses conhecimentos, visto que só era possível adquiri-los através da percepção e atenção desenvolvida através do contato, convivência e relações intersubjetivas proporcionados pela pesquisa de campo.

Leroy acreditava que a experiência e trabalho de campo eram fundamentais para conhecer os mundos animais e afirmava que ninguém, exceto um cavaleiro, poderia apreciar completamente a inteligência dos animais, pois para conhecê-los profundamente era preciso estar em contato com eles, condição que não cumpria a maioria dos filósofos (THORPE, 1982).

É importante ressaltar que a etologia, como foi definida pela corrente europeia no século XX, consiste no estudo comparado dos comportamentos dos animais em “ambientes ecológicos realistas”, através da observação atenta e registro. O trabalho de campo fora dos laboratórios, isto é, no ambiente natural, era uma das características que distinguiam a etologia de outras abordagens do estudo do comportamento animal, como a psicologia comparada, psicologia experimental e *behaviorismo*.

O laboratório dos etólogos, tal como o dos ecólogos, é o campo, a natureza viva, essa multiplicidade de agentes em relações emaranhadas. Indo mais além, a valorização do trabalho de campo, da importância das experiências de contato direto com os animais em seus “nichos” ou “mundo-próprios” por longos períodos, do estímulo à atenção afim de conhecê-los ou imergir em seus mundos mais profunda e intimamente foram reivindicações da etologia que se destacaram principalmente na metade do século XX, com a emergência dos estudos de longa duração. Os estudos de longa duração também se iniciaram com “atores” considerados de baixo prestígio e importância pela comunidade científica predominantemente machista da época, a saber: as mulheres, já que os cientistas homens passavam maior parte do tempo nos gabinetes.

³ *Physicien de Nuremberg*.

Atualmente qualquer etólogo, para ser reconhecido como tal, tem que ter vasta experiência de campo. A natureza para o etólogo é um laboratório de experiências intersubjetivas. Muitos etólogos têm reconhecido a importância dos conhecimentos cotidianos, locais ou tradicionais sobre comportamento animal de guardas-florestais, tratadores, membros de populações tradicionais ou indígenas, tendo em vista suas relações, percepção atenta e convivência com os diferentes animais.

É importante destacar que entre os séculos XVIII e XIX, ocorria um debate acirrado entre os naturalistas de gabinete, especialmente Georges Cuvier (1769-1832), e os naturalistas de campo (ou viajantes), especialmente Alexander von Humboldt (1769-1859).

Os naturalistas viajantes eram pouco valorizados pela comunidade científica europeia, composta por muitos naturalistas de gabinete renomados que nunca haviam viajado (KURY, 2001). Segundo Lorelay Kury (2001), os naturalistas viajantes eram geralmente mais jovens, oficiais da marinha, nobres em busca de entretenimento filantrópico ou aventureiros. Cuvier, por exemplo, que foi um célebre naturalista, recusou o convite de Bonaparte para acompanhá-lo na expedição ao Egito em 1798 argumentando que, em Paris, capital da ciência e sua residência, tinha acesso às instituições científicas e coleções mais completas de história natural do mundo, bem como que tal expedição prejudicaria a coerência e o caráter sistemático de seus trabalhos (KURY, 2001).

Cuvier, ao analisar a obra *Quadros da Natureza* de Humboldt, compara o naturalista viajante ao de gabinete (ou sedentário): o viajante não pode se concentrar ou se deter diante dos múltiplos objetos que o impressionam nos diferentes lugares que percorre (KURY, 2001). Ainda que ele possa observar as coisas e os seres em seus ambientes reais/naturais, ele não poderá consultar seus livros ou comparar os exemplares encontrados com outros semelhantes (KURY, 2001), como faz o naturalista sedentário no gabinete. Para Humboldt, ao contrário, a experiência da viagem e a imersão no trabalho de campo é imprescindível para a produção de conhecimento e não pode ser substituída por bibliotecas, laboratórios, coleções, herbários, jardins botânicos e outras instituições.

Segundo Kury (2001: 865), Humboldt “defende que impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica e não podem ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas”. Para Humboldt, o gosto e a sensibilidade são parte integrante do ato de conhecimento (KURY, 2001). Atualmente as viagens e expedições científicas são muito valorizadas, em vista do reconhecimento da importância da pesquisa de campo.

Segundo Leroy (1764), o Naturalista de Nuremberg é “como eu mesmo, um cavaleiro decidido que assistiu a seu curso de filosofia nos bosques”. O naturalista, então, criticava o ponto-de-vista dos filósofos sobre o comportamento animal, sua localidade desconectada dos mundos animais, a partir de onde eles narravam, ressaltando a importância de se deslocar para o campo.

Coincido com ele, em pensar que no estudo dos animais devem excluir-se os fatos isolados. O que constitui o verdadeiro campo de observação é sua conduta diária, o conjunto de seus atos, com suas modificações de acordo com as circunstâncias, colaborando todos eles para os objetivos que necessariamente

devem ter presentes, cada um de acordo com sua natureza. (LEROY, 1764 apud THORPE, 1982: 28)

Leroy também enfatizava o estudo dos animais com os quais temos alguma afinidade, seja em estrutura ou em hábitos. Neste sentido, o guarda-parques reconhecia que os animais compartilham com os humanos estrutura e hábitos, de modo que os mamíferos seriam os animais com os quais temos mais afinidade. Por outro lado, a afinidade com os animais pode ter outro sentido mais subjetivo, significando uma relação intersubjetiva de afeto e amizade, independentemente da proximidade filogenética. Segundo Leroy (1764), “a república dos coelhos, a associação dos lobos, as precauções e astúcias características das raposas, a sagacidade que demonstram os cachorros com suas variadas reações até nós, tudo isso é muito mais instrutivo que a indústria das abelhas, sobre a qual se insiste tanto”. Nota-se que Leroy reconhecia sentimentos e comportamentos complexos em alguns animais, bem como a capacidade de se organizar em “repúblicas” ou “associações”, tal como os humanos. Essas ideias só ganharam destaque e legitimidade após o desenvolvimento da etologia no século XX, sobretudo da etologia cognitiva⁴. Sendo assim, essa tentativa de identificar-se e reconhecer-se como um animal, ou seja, de resgatar a animalidade humana, bem como de reconhecer comportamentos complexos nos animais que temos mais afinidade, como as emoções, inteligência, raciocínio, planejamento, comportamentos simbólicos, ética, subjetividade e cultura, não era comum para um cientista do século XVIII, quando ainda predominava a separação moderna entre humanidade e animalidade. Somente após o advento das ideias gradualistas e evolucionistas biológicas, no final século XVIII e no século XIX, especialmente com Charles Darwin, que tais ideias ganharam respaldo científico. O reconhecimento de semelhanças morfológicas ou comportamentais entre os humanos e os demais animais causava polêmica na comunidade científica da Europa do século XVIII, tendo em vista que predominavam perspectivas humanistas e antropocêntricas.

As afirmações de Leroy acerca da preferência pelos animais que têm mais *afinidade* com os humanos não possuem um caráter antropocêntrico, isto é, de considerar que o comportamento das espécies mais distantes e diferentes dos seres humanos, como os insetos, são inferiores ou irrelevantes, mas ressaltam uma relação de identificação animal e reconhecimento de semelhanças, que só ganhará destaque no século XIX com Darwin.

Thorpe (1982) afirma que na primeira carta de Leroy já se pode notar uma conexão com a etologia moderna. Além disso, o naturalista reconhecia nos animais capacidades para além das satisfações imediatas de suas necessidades, como a inteligência, emoções, sentimentos, resolução de problemas e engenhosidades. Muitos filósofos contemporâneos de Leroy ou que o precederam, como Montaigne, no século XVI, também reconheciam essas capacidades nos animais, mas não de um ponto de vista naturalístico.

⁴ Através da etologia cognitiva – campo de investigação criado pelo etólogo Donald Griffin, na década de 1970, com o propósito de estudar a evolução da ‘mente’ ou dos processos cognitivos nos animais – foram reconhecidas capacidades cognitivas, sociais e subjetivas dos animais em condições de campo, desencadeando o questionamento do estatuto de ‘objeto de pesquisa’ atribuído aos animais pelos cientistas positivistas e da ideia moderna de singularidade e “excepcionalidade” humana.

Por exemplo, eu gostaria de ter uma biografia completa de cada animal. Meu desejo é que depois de estudar seu caráter individual, apetites naturais e modos de vida, o observador procurasse vê-lo em todas as situações que podem opor-se a satisfação imediata de suas necessidades – situações cuja natureza variável rompe a regularidade de seu proceder cotidiano e lhe força a recorrer a novas engenhosidades. (LEROY, 1764 apud THORPE, 1979: 29)

Thorpe (1982) constata que Leroy estava exigindo o que hoje conhecemos por etograma⁵ de cada espécie. Entretanto, acreditamos que Leroy, muito além de um etograma, buscava uma compreensão dos animais como sujeitos ou atores, com vida e capacidades complexas, que para além de meras observações e descrições antropocêntricas, necessitavam ser descritas através de uma biografia completa de cada um, cada qual com suas particularidades.

As diferentes cartas de Leroy são como típicos trabalhos de etologia sobre o comportamento de diferentes espécies de animais e sobre questões como instinto, sensibilidade e inteligência, porém enriquecidas com questionamentos filosóficos e epistemológicos. A carta II tratava da raposa e do lobo. A carta III comparava carnívoros e herbívoros, como o cervo, a lebre e o coelho, e, em seguida, discutia acerca da polêmica questão do instinto *versus* a sensibilidade (THORPE, 1982), que perdurou e se destacou até o desenvolvimento da etologia como disciplina científica no século XX.

Leroy, como a maioria dos etólogos, criticava a ideia cartesiana dos animais como autômatos insensíveis. Para ele, um sistema de automatismo é obscuro e perigoso (THORPE, 1982). O naturalista, que reconhecia as emoções e os sentimentos dos animais, se indagava se não era mais natural e satisfatório considerar a sensibilidade “como difundida, em geral, através de todo o reino animal, exercitando-se em graus diferentes e sob uma infinita variedade de formas em harmonia com as necessidades que incitam cada indivíduo a entrar em ação e com a organização que coloca o limite a cada espécie” (LEROY, 1764 apud THORPE, 1982: 29)

Devemos dar preferência aos argumentos de uma falsa filosofia que nos ensina a considerar estes seres como se atuassem sem motivos e governados simplesmente por impulsos cegos? (...). Eu prefiro observar cada indivíduo movido por sua sensibilidade, obedecendo às suas próprias inclinações peculiares, e contribuindo assim para a perfeição do conjunto e para a justa proporção que deveria reinar entre as espécies. Me surpreende o mesmo espetáculo na ordem da sociedade; a crença em uma sensibilidade geral e difundida faz, com certeza, ainda maior o espetáculo, e se me rendo de acordo com essa ideia é porque temos visto quantos problemas e quantas suposições ininteligíveis e gratuitas nos custaria a opinião contrária. (LEROY, 1764 apud THORPE, 1982: 30)

Leroy, portanto, demonstrava em grande parte de seu trabalho, fortes críticas e argumentos contra a teoria de que os animais são autômatos, particularmente quando compara o comportamento de animais domésticos e selvagens (THORPE, 1982). Leroy,

⁵ Listas de comportamentos onde pode ser descrito todo o repertório comportamental observado em uma espécie animal, grupo ou indivíduo, em determinados contextos.

na carta IV, criticava também a postura antropocêntrica de Buffon de não reconhecer a inteligência dos animais, que não condizia com suas brilhantes observações e descrições das vidas animais, demonstrando uma contradição entre argumentos e fatos.

Juntos lemos com frequência, Senhora, as excelentes histórias que M. de Buffon nos tem dado de muitos animais. Temos admirado a eloquência deste grande naturalista. A agudeza com que capta os caracteres que distinguem cada espécie mostra a verdade de suas descrições, e seu brilhante colorido. Ao descrever aqueles animais que ele mesmo havia observado, ou daqueles dos que tinha informes confiáveis, os detalhes de suas inclinações e ações, de sua sagacidade e de sua habilidade, são expostos com uma exatidão e um encanto que deixam muito atrás todos os seus predecessores. Enquanto mantém o fio da observação em sua mão, seu caminho é seguro: penetra nas intenções dos animais, e, pela maneira de descrever suas ações, decifra para o leitor todos seus movimentos com a habilidade de um professor.

Mas poderíamos supor? O autor das histórias do cervo, o cachorro, a raposa, o castor, o elefante, parece ignorar completamente os fatos quando chega o momento de argumentar; então se torna um dos maiores detratores da inteligência dos animais. Sem dúvida tem mais títulos que seus companheiros a considerar a sua própria espécie como uma espécie a parte, mas, depois de tudo, ao ser homem, é falível, e devemos permitir-nos o direito de comprovar suas opiniões, sempre que se faça com o devido respeito a sua pessoa, e aos seus eminentes talentos. (LEROY, 1764 apud THORPE, 1982: 30)

Para Leroy, poderíamos conhecer mais de nós mesmos através do estudo do comportamento dos animais, não importando as nossas limitações em compreender a natureza de suas mentes (THORPE, 1982). Tal afirmação pressupõe o reconhecimento do homem como animal e se aproxima das ideias evolucionistas biológicas de que compartilhamos características, comportamentos e um ancestral comum com os demais animais. Desse modo, Leroy foi considerado um dos principais precursores, se não o fundador, da análise comparada do comportamento na Europa – alicerce da etologia (THORPE, 1982).

Enquanto Thorpe (1982) destacava a sua peculiar ênfase etológica, P.H. Gray (1968), ressaltando a proximidade entre o naturalista e a etologia moderna, afirmava que “Leroy teria se sentido em casa em qualquer de nossos modernos laboratórios de comportamento” (GRAY, 1968). Entretanto, acreditamos que Leroy não se sentiria à vontade confinado em laboratórios, mas sim no trabalho de campo, em relação e convivência direta com os animais em seus nichos (particulares, híbridos, compartilhados ou multiespecíficos). Talvez o guarda-parques se sentisse mais à vontade inserido nos estudos de longa duração, interagindo com outros atores-locais, técnicos, guarda-parques e ajudantes, que integram essa complexa rede sociotécnica de produção de conhecimento etológico.

A percepção e perspectiva de Leroy na localidade de um guarda-parques possibilitaram a produção de novos argumentos e conhecimentos sobre o comportamento dos animais, decorrentes das vivências e convivências com os animais no campo ou na natureza, das relações intersubjetivas proporcionadas, que não seriam possíveis a partir da posição de um filósofo natural ou naturalista de gabinete. Como defendia Humboldt, essas experiências de campo são insubstituíveis para o ato de conhecimento. A convivência e

contato prolongado com os animais contribuem para o desenvolvimento de um sentimento íntimo com a natureza, bem como de uma percepção que é uma forma de atenção plena e reforçada, e da capacidade de se colocar no ponto de vista de diferentes modos de vida. Essas importantes contribuições transformaram Leroy em um naturalista de grande importância para o desenvolvimento da etologia como disciplina científica. Como já dito, o próprio Leroy reconhecia a contribuição do ponto de vista que seu cargo lhe proporcionava, suscitando questionamentos epistemológicos sobre os estudos do comportamento animal realizados em sua época, que não valorizavam a pesquisa de campo e o contato com a natureza. Seu caso particular ilustra como a etologia se constituiu a partir de diferentes perspectivas e localidades.

A história da etologia pode ser literalmente construída e narrada a partir do ponto de vista dos atores-locais, atores-tradicionais, guarda-parques, tratadores, ajudantes de pesquisa, mateiros, entre outros que, para muito além de invisíveis colaboradores ou veiculadores de práticas científicas, também são peças fundamentais na viabilização e na produção de conhecimento sobre comportamento animal a partir de outra racionalidade, localidade e ontologia. Esses atores, até os dias de hoje, não têm a visibilidade e legitimidade merecida dentro da comunidade científica. Seus conhecimentos sobre a natureza são considerados pela epistemologia dominante e ciência moderna como anedotas, saberes localizados, cotidianos, vulgares e tradicionais, sem status científico. Quando possuem alguma semelhança com as classificações e organizações do mundo ocidental, são elevados ao status de conhecimentos etnocientíficos, porém nunca científicos, tendo em vista a supremacia monorracional da ciência moderna ocidental com relação ao conhecimento real e verdadeiro sobre a natureza.

3. Considerações finais

Através de Leroy podemos refletir sobre a dinâmica das práticas científicas da etologia nos primórdios do Naturalismo e das Instituições Científicas. As fronteiras entre o fora e o dentro da instituição central ciência se confundiam, e permanecem se mesclando, por debaixo do tapete da modernidade. Atualmente essa dinâmica torna-se cada vez mais visível através dos estudos sociais e culturais das ciências que vem questionando a soberania epistêmica da ciência moderna de racionalidade universalista e eurocêntrica.

O reconhecimento de que a localidade dos atores que adquiriam conhecimento através do contato direto e convivência com os animais era tão ou mais privilegiada do que a dos filósofos naturais confinados em seus gabinetes e bibliotecas, que nas narrativas da modernidade, eram os detentores das verdades e dos conhecimentos sobre a natureza, contribuiu para questionamentos e reconfigurações posteriores das práticas científicas da etologia. Esta tem conhecido a importância de epistemologias outras na construção social de um conhecimento múltiplo sobre os comportamentos dos animais. Pesquisadores do mundo todo têm se debruçado nos conhecimentos nativos sobre a natureza, conhecidos internacionalmente como Conhecimento Ecológico Tradicional (*Traditional Ecological Knowledge* - TEK), a fim de preencher as lacunas científicas ocidentais sobre a compreensão do mundo natural.

Leroy era um francês, educado na França, capital da ciência, o que indica que compartilhava a mesma racionalidade científica moderna e universalista dos demais naturalistas de sua época e contexto. No entanto, ele não fazia parte da comunidade científica e reconhecia a importância e as vantagens de não ser um naturalista de gabinete, isto é, de praticar o naturalismo ocidental a partir de outro ponto-de-vista, enriquecendo o debate interno sobre os limites e fronteiras da epistemologia moderna. Uma das principais contribuições de Leroy foi, portanto, ter produzido conhecimentos sobre o comportamento animal, bem como questionamentos epistemológicos e metodológicos internos através do ponto-de-vista e racionalidade de um guarda-parques da nobreza que estudava e produzia conhecimentos nos bosques. Muitos casos, como os de Leroy, existiram em diferentes épocas até os dias atuais, porém possuem pouca visibilidade e espaço nas grandes narrativas da história das ciências.

Referências

- GRAY, P.H. Early Animal Behaviourists: Prolegomenon to Ethology. **Isis**: 59. 1968.
- KURY, L. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, vol. VIII (suplemento), p. 863-60. 2001.
- LORENZ, K. **Os Fundamentos da Etologia**. Trad: Pedro Mello Cruz e Carlos C. Alberts, São Paulo: Editora da UNESP. [1981] 1995.
- MARTÍNEZ-CONTRERAS, J. & MONTIEL-CASTRO, A. J. Charles-Georges Leroy y los orígenes de la etología ilustrada. **CEDAR publicaciones**, 2013. Disponível em: http://centrodarwin-uam.com/wp-content/uploads/2016/09/Leroy_origenes_-_etologia_ilustrada.pdf. Acesso em: 2 mar. 2016.
- SARAIVA, R.S. **Mundos animais, universos humanos**: Análise comparada da representação do ambiente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.
- SOCZKA, L. **A Companhia dos Lobos**: O Imperativo da Vinculação. Ensaios de Etologia Social. 2a Ed. Atualizada e Aumentada. Lisboa: Fim do Século. 2003.
- THORPE, W.H. **Breve historia de la etologia**. Ed. Cast.: Alianza Editorial, S. A. Madrid, 1982.
- ZUANON, Á.C.A. Instinto, etologia e a teoria de Konrad Lorenz. **Ciênc. educ.** (Bauru) [online]. Vol.13, n.3, pp. 337-349.2007.